

Prólogo

Acho que sempre soube, de uma forma subterrânea, que eu e a Diane acabaríamos por nos encontrar de novo.

Estamos ligadas, tornozelo com tornozelo, numa monstruosa corrida de três pernas.

Cúmplices acidentais. Conspiradoras em alerta.

Ou gémeas siamesas, unidas por alguma parte escondida.

Partilhamos algo, algo de poderoso. Uma história sombria, cuja narrativa é quase impenetrável. Continuamos a contá-la a nós próprias, atentas às suas voltas e reviravoltas, tentando compreendê-la. E escondendo-a de todas as outras pessoas.

Às vezes é como se a Diane fosse um lugar de mim mesma que se tivesse desprendido e andasse à solta pelo meu corpo, a vogar pelo meu sangue.

Em certas noites, quando vou aos tropeções até à casa de banho depois de um pesadelo, um pesadelo com a Diane, evito o espelho, desviando os olhos, deixando a luz apagada, com uma parte primitiva do meu cérebro meio adormecido certa de que, se eu olhasse, ela poderia lá estar. (*Cobre os espelhos depois do escurecer*, costumava dizer a minha bisavó. *Senão, vão capturar a alma errante do sonhador*.)

Por isso, mesmo que já não a veja há anos, não é realmente uma surpresa quando a Diane aparece no Laboratório Severin, o meu local de trabalho, o edifício onde passo a maior parte da minha vida. *De todos os laboratórios que há no mundo, ela tinha de vir parar ao meu*. E tudo recomeça.

O mais estranho é quão pouco efetivamente sabemos uma da outra. Não sabemos em que dia fazemos anos, quais as nossas canções favoritas, quem fez com que os nossos corações batessem mais depressa, ou quem não conseguiu fazê-lo. Fomos amigas, se é que ela é amiga de alguém, apenas durante alguns meses e há já muito tempo.

Mas sabemos aquela coisa que mais ninguém no mundo sabe sobre a outra.

A única coisa importante.

I

O mundo é quente como sangue e pessoal.

Sylvia Plath

Outrora

Isto foi há doze anos. Eu e a Diane tínhamos dezassete e, nos oito ou nove meses do nosso último ano de liceu, partilhámos uma energia que crepitava dentro de nós, uma pulsão, uma fome, uma sonora ambição.

Até que, certa noite, tudo se despedaçou.

Estávamos em minha casa, na acanhada casa da minha mãe, impregnada de lisol, cheia de animais resgatados, e sem qualquer privacidade. Nenhuma das portas fechava bem, madeira inchada em ombreiras baratas, portas-acordeão fora das calhas. Mas ela contou-me mesmo assim.

Quando começou, estávamos sentadas uma em cada ponta da minha cama de solteiro a fazer uma ficha sobre o *Hamlet*, a Diane com a sua caligrafia meticulosa e as suas unhas impecáveis, usando uma das suas dúzias de camisolas de lã macias-como-seda — uma rapariga tão requintada que até conseguiu arranjar um trabalho de férias na secção de perfumes do grande armazém de luxo. Ela vinha sempre para cá estudar, embora a casa em que ela vivia com o avô fosse três vezes maior do que a nossa.

Aqui estávamos nós, tão estreitamente instaladas que conseguíamos ouvir a minha mãe a arrastar-se para a cama, o *clap-clap* dos seus chinelos.

Logo desde o início senti que alguma coisa não estava bem. De cada vez que eu lia uma pergunta (“Qual é o dilema central de Hamlet?”), a Diane ficava a olhar para mim sem reação. A cada pergunta, o mesmo olhar absorto, afagando o medalhão que trazia ao pescoço como se fosse a lâmpada de Aladino.

“Diane”, disse eu, cruzando as pernas, o colchão estreito ondulado a cada movimento, almofadas amarrotadas, cadernos de argolas a escorregarem, os blusões com o monograma da equipa de cortamato e respetivos cachecóis ásperos amontoados em volta das nossas pernas, “estás assim por causa do que aconteceu hoje na aula?”

É que tinha acontecido uma coisa: a professora Cameron pediu à Diane que lesse em voz alta o discurso de Cláudio — o melhor de toda a peça — mas a Diane, tão pálida como o fantasma de Hamlet, recusou-se a abrir o livro, de braços cruzados e olhos a piscar. Quando por fim obedeceu, as palavras surgiram devagar como seiva de pinheiro, como aquele xarope para a tosse que a minha mãe me costumava dar e que sabia ao interior de uma árvore moribunda. *Diane, Diane, estás bem?*

“Não aconteceu nada”, insistia agora a Diane, virando-se de lado, a longa franja loira a cair como um lustre dourado sobre o seu rosto de rainha de beleza. “Sabes, nenhum destes personagens é real.”

Era uma afirmação difícil de refutar, pelo que me perguntei se não devíamos esquecer o assunto. Mas algo pairava no fundo dos seus olhos. A Diane, que nunca partilhara comigo um pensamento que não fosse sobre química ou bolsas de estudo ou a justiça da pergunta sobre compostos iónicos do nosso último exame.

Admito: quis saber.

“Kit”, disse ela, agora com o seu pequeno *Hamlet* da Signet na mão, o anel de ouro com a inscrição “Jesus”, do seu avô, a cintilar, “estavas a falar a sério quando disseste aquilo na aula? Sobre o Cláudio não ter consciência moral?”

Eu sentia algo a acontecer, havia algo de pesado no quarto, uma ânsia exalava-se da Diane, tinha o pescoço vermelho e manchas rosadas nas têmporas.

“Claro”, disse eu. “Mata o próprio irmão para conseguir o que quer. O que significa que não tem mesmo ética nenhuma.”

Por um instante, nenhuma de nós disse nada, o ar do quarto agarava-se com grossos dedos às nossas caras. E que zumbido era aquele? A lâmpada de halogéneo? O velho e ruidoso portátil que a associação de pais dava aos estudantes que não podiam comprar computadores? Ou seria como daquela vez em que encontrei a *Sadie*, a nossa desmazelada gata, debaixo do alpendre, coberta de moscas?